

Trânsitos e margens nas cartas a Murilo Miranda

Mônica Gomes da Silva¹

Resumo

Na correspondência do jornalista Murilo Miranda, editor da *Revista Acadêmica*, é possível conhecer aspectos do trabalho de escritores que se propuseram a criar e difundir a moderna literatura brasileira, exercendo, também, as funções de crítica literária, editoração e tradução, entre as décadas de 1930 e 1940. Nas cartas a Murilo, registram-se os trânsitos culturais de Luís Martins, Lídia Besouchet e Newton Freitas. A partir de margens, físicas ou figurativas, esses autores evidenciam as disputas simbólicas do cenário literário daquele momento e que, depois, repon-taram na consolidação de um repertório crítico sobre o Modernismo. Assim, o artigo propõe a leitura e análise dessas cartas, com destaque para as questões concernentes à inserção e à circulação das obras dos escritores selecionados. Para a fundamentação teórica, recorrem-se aos estudos de Antonio Candido (2011), Lívia Rangel (2016), Luiz Lafetá (2000) e Sérgio Miceli (1979). Destaca-se, por fim, a importância da *Revista Acadêmica* como espaço de uma *crítica estética* (LAFETÁ, 2000) e de projeção da literatura modernista, cuja dinâmica se revela nas cartas a Murilo Miranda.

Palavras-chave: Cartas. Crítica literária. Literatura modernista. Murilo Miranda. Revista Acadêmica.

Abstract

In the letters received by the journalist Murilo Miranda, editor of the *Revista Acadêmica* (*Academic Magazine*), one can get to know some aspects of the work of writers who set out to shape and spread the modern Brazilian literature, also producing literary criticism, publishing, and translating in the decades of 1930 and 1940. The letters sent to Miranda also refer to the cultural transits of Luís Martins, Lídia Besouchet, and Newton Freitas. By means of actual or figurative images, those writers evince the symbolic disputes in the literary scene, which, later on, emerged in the consolidation of a critical repertoire about Modernism. Thus, this article proposes reading and analysis of these letters, highlighting issues concerning the insertion and circulation of the works by the authors studied herein. The theoretical background of this article comprises the studies of Antonio Candido

Revista de
Crítica Genética
ISSN 2596-2477

N. 50 • 2023

Submetido:
18/05/2023

Aceito:
11/09/2023

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense. Prof.^ª Adj. de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Participante e líder do Grupo de Pesquisa e Extensão LEIA (Leitura, Escrita, Identidade e Artes) voltado para o estudo e a promoção da leitura literária. Desenvolve pesquisas na área de literatura brasileira, literatura comparada e correspondência literária. E-mail: mgs@ufrb.edu.br.

(2011), Livia Rangel (2016), Luiz Lafetá (2000) and Sérgio Miceli (1979) In conclusion, this article highlights the relevance of the Revista Acadêmica as a suitable environment for aesthetic criticism (Lafetá, 2000), and projection of the Modernist Literature, whose dynamics is disclosed in the letters sent to Murilo Miranda.

Keywords: Letters. Literary criticism. Modern Literature. Murilo Miranda. Revista Acadêmica.

Introdução

Em *Noturno da Lapa*, Luís Caetano Martins (1907-1981) recorda o grupo acadêmico e boêmio que frequentava o bairro central do Rio de Janeiro na década de 1930. Presente na variada galeria intelectual revivida pelo escritor carioca, “Lá está Murilo Miranda, o bom, o fiel, o dedicado Murilo, homem que tem o culto da amizade e que, neste particular, será sempre o mesmo, através dos anos [...] tem um ar juvenil e malicioso de garoto que está a arquitetar uma travessura...”²

A descrição do jovem Murilo Miranda (1912-1971) ressalta qualidades que o transformaram num dos mais profícuos e diligentes editores entre os anos de 1930 e 1940. Estando à frente da *Revista Acadêmica* (1933-1948), junto com Lúcio do Nascimento Rangel (1914-1979) e Moacir Werneck de Castro (1915-2010), o jornalista carioca se notabilizou pelo arrojo em promover a arte moderna no Brasil, quando persistiam fortes resistências às artes plásticas e literaturas de linhas modernistas, aliado a uma dedicação fraterna aos colaboradores do periódico, mesmo nas re-fregas do campo literário ou no auge da repressão do Estado Novo (1937-1945).

Desse modo, percorrer a correspondência passiva de Murilo, permite delinear um rico painel da vida literária e cultural durante o “‘boom’ do mercado do livro”³ e a consequente profissionalização do escritor brasileiro. Atualmente, grande parte das cartas destinadas ao editor da *Revista Acadêmica* está no “Acervo Murilo Miranda” na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).⁴ As missivas abrangem desde a sua atuação à frente da *Revista Acadêmica* até os demais cargos desempenhados após o fim do periódico. Encontram-se reunidas cartas referentes ao trabalho no Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), à chefia do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, quando foi diretor por duas vezes (1956-1957 e 1965-1967), ao mandato de vereador do Rio de Janeiro (1959-1962), à direção da Rádio Ministério da Educação e da Cultura e Rádio Roquete Pinto (1961-1964) e à direção do Serviço de Documentação do Ministério de Transportes (1968-1971).

No que tange às cartas que compreendem a publicação da *Revista Acadêmica*, existem duzentos e sete documentos relativos a oitenta e cinco remetentes. São cartas, predominantemente, em português, mas há, também, textos em espanhol, inglês e francês, comprovando o alcance da revista em outros países. Destacam-se entre os missivistas, um expressivo grupo de escritores de diferentes pontos do Brasil, além daqueles oriundos do antigo Distrito Federal e que, eventualmente, frequentavam as sedes que abrigaram a redação da revista. Verifica-se, na

2 MARTINS, Luís. **Noturno da Lapa**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 121.

3 MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1979, p. 78.

4 Foram identificados outros documentos do autor e de seus correspondentes nos seguintes acervos: Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC – FUNARTE); Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil — Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV, Arquivo Gustavo Capanema); Fundação da Biblioteca Nacional (FBN — Coleção Murilo Miranda); Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP — Acervo Mário de Andrade) e Instituto Moreira Sales (Arquivo/Coleção: Érico Veríssimo).

correspondência, a amplitude da rede intelectual articulada por Murilo Miranda que inclui intelectuais da Bahia, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul.

Através das cartas, emergem os trânsitos desses escritores em torno do eixo editorial formado pelos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, quando as três unidades federativas chegaram a concentrar 61% das editoras.⁵ Rastreiam-se, portanto, os contatos e os deslocamentos dos colaboradores da *Revista Acadêmica* que delineiam uma cartografia literária e editorial. Por outro lado, nota-se uma parcela de escritores que se situou, geografica ou figurativamente, às margens desses centros culturais hegemônicos; seja pela distância física, no caso dos exilados em decorrência da política repressiva do Estado Novo, seja pela distância simbólica, no caso dos autores cuja produção não encontrava uma repercussão crítica favorável.

De acordo com o levantamento realizado no “Acervo Murilo Miranda”, voltamos nossa atenção para as cartas dos autores que, não obstante a relevância para a criação e promoção da literatura modernista e duma crítica consonante à modernidade literária, foram obliterados e/ou recebem pouco destaque nos estudos sobre a literatura das décadas de 1930 e 1940. Longe de estabelecer uma causalidade direta, cogitamos se essa presença discreta não está configurada nas tensões que transparecem nas cartas, em que o peso dos juízos sobre esses autores contribuiu para estipular contornos/apagamentos para a publicação e leitura das suas obras.

Destarte, o recorte contempla as cartas que problematizam esse afastamento, como o já mencionado Luís Martins e o casal de escritores Lídia Besouchet (1908-1997) e Newton Freitas (1909-1996). Encontram-se, no “Acervo Murilo Miranda”, o total de treze cartas de Luís Martins ao editor da *Revista Acadêmica*. Em contrapartida, no “Acervo Luís Martins” da FCRB, são preservados dez documentos da troca epistolar entre os dois jornalistas, com a cópia de duas cartas de Luís Martins e oito cartas de Murilo; totalizando, portanto, vinte e três cartas. Quanto aos demais correspondentes, há um volume mais restrito: uma carta de Lídia Besouchet e duas de Newton Freitas a Murilo. Apesar da desproporção nos totais das correspondências, acreditamos que seja possível uma leitura comparativa das cartas, tendo em vista os trânsitos e as margens vivenciados pelos artistas durante o período de publicação da *Revista Acadêmica*.

Para contemplar os objetivos propostos, o artigo se divide em mais duas seções. A segunda seção apresenta o trânsito desses escritores e os trabalhos que passam a desempenhar em razão dos deslocamentos realizados. A terceira seção se concentra na discussão crítica presente nas cartas a respeito das margens crítico-literárias que os missivistas estão situados. Para tanto, a fundamentação teórica é composta pelos estudos de Antonio Candido (2011), Daniel Rincon Caires (2018), Luiz Lafetá (2000), Lívia Rangel (2016) e Sérgio Miceli (1979). Fazem parte da base consultada os exemplares da *Revista Acadêmica* pertencentes à *Coleção Plínio Doyle* da FCRB e as memórias de Luís Martins (2004) sobre o grupo boêmio da Lapa de 1930 e 1940.

5 MICELI, ibidem, p. 84.

Por fim, nas cartas a Murilo Miranda, retomamos os aspectos do trabalho desses intelectuais, seus percursos e ações para a participação na cena literária. Ressalta-se, por conseguinte, o papel mediador de Murilo Miranda que, nas páginas da *Revista Acadêmica*, franqueia um espaço para a produção crítico-literária desses escritores, ensaiando dispositivos interpretativos que façam frente à modernidade literária, realizando uma *crítica estética*.⁶

Desvios, trânsitos e paradas nas cartas a Murilo Miranda

Os dias, os meses, os anos passaram, a vida aos poucos se refez; [...] a injustiça de que fora vítima passou a entrar no rol das coisas peremptas, tão distanciada da memória dos homens que, agora mesmo, ao evocá-la, parece-me estar a revolver ossos de cadáveres antigos num cemitério de velharias.⁷

O ano de 1937 marca o recrudescimento da repressão do governo de Getúlio Vargas (1882-1954), quando é instaurado o Estado Novo. Intensificam-se a censura e as prisões de vários intelectuais sob a acusação de atividade comunista. A ditadura varguista criou uma espécie de índice de obras “subversivas”, ou seja, aquelas que eram acusadas pelos censores de participação/propagação do “cosmopolitismo bolchevique”. No Brasil, a exemplo do que acontecia nos governos totalitários da Europa, repudia-se uma suposta “aliança do movimento comunista internacional com a arte moderna”⁸.

Como consequência, livros foram proibidos, recolhidos e destruídos; vários escritores foram enviados para as prisões. A extinta Colônia Penal de Dois Rios, em Ilha Grande no Rio de Janeiro, foi o destino de intelectuais como Graciliano Ramos (1892-1953) e Newton Freitas. Os escritores, independente do grau de engajamento político, eram mandados para a cadeia, sejam os militantes dos partidos políticos de esquerda, sejam aqueles cujas obras estavam ao largo da ideologia estado-novista.

Entretanto, as ambiguidades e as contradições permeavam as ações do governo que chegou a ser patrono de obras de modernistas como Cândido Portinari (1903-1962) e Heitor Villa-Lobos (1887-1959). Sobre o cabo de força que se instala entre governo e intelectuais, Antonio Candido pondera que

este processo foi cheio de paradoxos, inclusive porque o intelectual e o artista foram intensamente cooptados pelos governos

6 LAFETÁ, Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000, p. 37.

7 MARTINS, op. cit., p. 32.

8 CAIRES, Daniel Rincon. A estética nacionalista de Carlos Maul. **Encontro Anpuh, História e Democracia, precisamos falar sobre isso**. Guarulhos, UNIFESP-SP, 3 a 8 de setembro de 2018, p. 8. Disponível em: https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1530363519_ARQUIVO_AestheticanacionalistadeCarlosMaul-r.pdf.

*posteriores a 1930, devido ao grande aumento das atividades estatais e às exigências de uma crescente racionalização burocrática. Nem sempre foi fácil a colaboração sem submissão de um grupo intelectual que se radicalizava, com um Estado de cunho cada vez mais autoritário. Resultaram tensões e acomodações, com incremento da divisão de papéis no mesmo indivíduo. [...] A sua margem de oposição vem da elasticidade maior ou menor do sistema dominante, que os pode tolerar sem que eles deixem com isto de exercer a sua função corrosiva.*⁹

Assim, no âmbito das tensões entre Estado e intelectuais, fossem estes “declaradamente de esquerda” ou meros “simpatizantes” dotados de “uma atitude de análise e crítica em face do que se chamava incansavelmente a ‘realidade brasileira’”¹⁰, houve um considerável movimento de punição aos potenciais divergentes do sistema. Dentre eles, Luís Martins, Lídia Besouchet e Newton Freitas sofreram os reveses daquela onda repressora. A atmosfera de “radicalização”¹¹ era formada por uma aguda tomada de consciência que culminaria numa acirrada polarização política e religiosa.

Desse modo, a violência ditatorial é um dos eixos da incursão memorialista de Luís Martins. Em *Noturno da Lapa*, o jornalista recorda os fatos que determinaram a rotação radical numa trajetória que se apresentava bem-sucedida e coloca em perspectiva a gravidade dos acontecimentos daqueles dias. Se “a poeira do tempo cobriu tudo [...] a memória do insignificante episódio”¹²; a lembrança das denúncias que levaram à censura do romance *Lapa* (1936) e as perseguições políticas pela conduta “comunista” causavam emoção passados vinte e sete anos.

No esforço de evocar a “Montmartre carioca”, o autor relativiza o impacto dos acontecimentos e faz um balanço de perdas e ganhos, reatando as pontas da vida entre o rapaz efusivo e o escritor nostálgico da aventura lapiana. Nesse mundo redivivo, circulam Murilo Miranda e Newton Freitas, parte da “ópera” literária e boêmia daqueles anos e que seriam, em maior ou menor medida, atingidos pela ditadura estado-novista.

No caso de Luís, a denúncia do escritor petropolitano Carlos Maul (1889-1973), crítico nacionalista da extrema-direita, foi o mote para o processo criminal contra o escritor. O romance *Lapa* foi condenado por ser “imoral”, pois o linguajar e a temática seriam “indecentes”, o “baixo calão” e a descrição da zona de meretrício do Distrito Federal foram suficientes, numa teia de revanches e despeitos, para incriminar o seu autor. Inicialmente, o ministro Gustavo Capanema, com base no parecer favorável ao romance feito por Carlos Drummond de Andrade, rejeita as acusações. Contudo, de forma insidiosa, o processo seguiu para a Chefatura de

9 CANDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a cultura. In: _____. **A educação pela noite**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 236.

10 CANDIDO, *ibidem*, p. 229.

11 *Ibidem*.

12 MARTINS, *op. cit.*, p. 32.

Polícia que era comandada pelo Capitão Filinto Strubing Müller (1900-1973), notório chefe da repressão do governo Vargas.

A partir desse momento, a situação se complica para Luís que se afasta, momentaneamente, do Rio de Janeiro. Embalde, pois o jornalista é exonerado da chefia do serviço de imprensa do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários (IAPC) e tem um mandado de prisão decretado, se tornando procurado pela Comissão de Repressão ao Comunismo.

Ao início de 1938, muda-se, definitivamente, para São Paulo, fixando-se na fazenda de Santa Teresa do Alto, em Jundiaí, de propriedade de Tarsila do Amaral (1886-1973), então companheira do jornalista. Dentro do espírito contraditório do tempo, mais adiante, o escritor ocuparia um cargo de inspetor federal do ensino secundário em São Paulo: “Assim, aquele mesmo governo, que em janeiro me mandava prender como elemento subversivo, em março aceitava-me como humilde peça na engrenagem de sua máquina administrativa... Entenda-se!”¹³. O exílio paulista vai se prolongando e Luís voltaria ao Rio de Janeiro, alguns anos depois, em viagens esporádicas, nas quais acompanha o ocaso da atmosfera de sortilégio da Lapa e a ascensão de Copacabana como reduto boêmio.

Se há um sabor agridoce na aceitação dos rumos tomados em função das “torpidades” da ditadura e de seus colaboradores, na correspondência de Luís Martins a Murilo Miranda encontramos um testemunho mais imediato e menos contemporizador das consequências advindas desse deslocamento forçado. Surpreendemos, nas cartas, um relato mais rico sobre a sua vida com Tarsila, o que não aparece no livro de memórias escrito sob a influência da separação traumática após uma união de dezoito anos. Corrobora-se a importância da artista em sua vida e o empenho de Luís em aprender e expandir seu ofício: “Ela o apresentou à pintura moderna e ele fez de si mesmo um importante crítico de arte”.¹⁴

Acompanhamos, na correspondência, o ir e vir dos missivistas entre as duas capitais e o envio de colaborações para a *Revista Acadêmica*. Com exceção de uma missiva, postada do Rio de Janeiro em dezembro de 1944, as cartas de Luís Martins são remetidas da fazenda de Tarsila ou da cidade de São Paulo. Elas dão conta dos novos projetos literários, o silêncio que vai pesar sobre a sua obra por parte da crítica no Distrito Federal e o trabalho para se projetar como jornalista em terras paulistas. Murilo escreve do Rio de Janeiro, reporta uma viagem a São Paulo para promover a *Revista Acadêmica* e encontrar Luís e Tarsila, organiza uma homenagem à Tarsila num dos números temáticos do periódico e pede auxílio ao casal para seu empreendimento de maior envergadura, o “Clube do Livro”, uma coleção pertencente à editora da revista. A correspondência inicia-se em 1940, pouco tempo após a mudança para São Paulo, e termina em 1953, quando Luís estava recém-casado com Anna Maria Martins (1924-2020), grávida da filha do casal, Ana Luísa Martins (1953).

13 Ibidem.

14 CASTRO, Ruy. Apresentação. In: MARTINS, Luís. **Lapa**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004, p. 31.

Assim como Luís Martins, Lídia Besouchet e Newton Freitas tiveram as suas trajetórias alteradas pelo governo Vargas. Se Luís foi um dos tantos escritores “que manifestavam a [...] ‘consciência social’”,¹⁵ um boêmio que foi prejudicado por uma “reportagem” sobre a prostituição na Lapa, o casal possuía um engajamento mais fervoroso e sofreu severas consequências em razão disso.

O arco dos acontecimentos que precipitaram o exílio de Newton e Lídia coincide com o cerco a Luís Martins e nos reportam as diferentes dimensões do crescente endurecimento da polícia política do governo Vargas, entre 1935 até o início do Estado Novo. Em 20 de fevereiro de 1936, ano de publicação de *Lapa*, Newton Freitas é preso e Lídia Besouchet entra para a clandestinidade.

Embora ambos tivessem se posicionado contrários ao Levante Armado de 1935, um dos principais motivos deflagradores da leva de prisões que, em 1936, encheu os cárceres do regime de presos políticos, a filiação de Newton ao Partido Comunista do Brasil (PCB) e a participação na Aliança Nacional Libertadora (ANL) foram fatores decisivos. Newton Freitas esteve à frente de uma das sessões da ANL, a do Diretório do Distrito Federal, e Lídia Besouchet foi uma das principais ativistas e porta-vozes da União Feminina do Brasil (UFB). Tanto ele, quanto Lídia integraram as caravanas da ANL promovidas em prol da luta revolucionária, conforme historiciza Lídia Rangel¹⁶ a partir da recuperação e da análise da documentação sobre a militância de ambos.

Newton Freitas foi prisioneiro por pouco mais de um ano. A pena foi cumprida na Casa de Correção e na Colônia Correcional de Dois Rios. É realizada uma campanha pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI) que conseguiu a liberdade do jornalista em 19 de março de 1937. No entanto, a censura não arrefeceu e a peça teatral de autoria de Newton Freitas, *O genial Rebouças*, encenada pela Companhia Álvaro Moreyra e Eugênia Álvaro Moreyra é proibida e retirada de cartaz, logo após a estreia em agosto de 1937.

O alerta soa para os dois escritores, os quais estavam sob a vigilância do mesmo Capitão Filinto Müller, e decidiram se mudar para o Rio Grande do Sul, quando houve uma breve oposição estadual ao governo Vargas. No estado gaúcho se organizaram para deixar o país, o que aconteceria em janeiro de 1938. O primeiro destino é a cidade de Montevideu e a parada seguinte é “cidade-pampa”, isto é Buenos Aires, um ponto de convergência de exilados políticos latino-americanos e europeus. Newton Freitas entra na capital portenha, em 18 de fevereiro de 1938, e tenta estabelecer redes de contato e de trabalho. É importante ressaltar que as relações com o PCB estavam esgarçadas, pois Lídia Besouchet havia sido expulsa do partido pela ligação com a dissidência trotskista e Newton Freitas havia rompido com o partido assim que pisou em terras uruguaias. Em julho de 1938,

15 CANDIDO, op. cit., p. 229.

16 RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira. **Lídia Besouchet e Newton Freitas: mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio da Prata (1938-1950)**. 2016. 282 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

quando Lídia, finalmente, chega a Buenos Aires, o isolamento dos dois era agravado pela ruptura com o PCB, que os colocaram numa situação de marginalidade entre os exilados.

Se Luís Martins precisou de um largo afastamento temporal para trazer a lume os fatos daqueles anos, os escassos registros autobiográficos publicados por Newton Freitas não foram reeditados¹⁷ e os demais textos pessoais encontram-se arquivados no Fundo dedicado ao escritor no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB). O escritor se propôs a denunciar a degradação das viagens e a permanência nos presídios do Estado Novo através do romance *Porão*, mas a iniciativa não vai à frente, apesar dos anúncios na imprensa. Lídia, por sua vez, elaborou um romance autobiográfico que permaneceu inédito. Segundo os registros remanescentes, os originais foram destruídos pela escritora. Sobre o interdito que caiu sobre o livro *Cidade-Pampa*, Lívia Rangel tece considerações indicando as marcas profundas da experiência exílica de Lídia Besouchet:

Acredita-se, por exemplo, que há na sequência de seus gestos: escrever, submeter à apreciação de seus pares e desistir da narrativa, uma forte questão simbólica. A decisão por apagar os rastros de sua memória do exílio sugere que Lídia escreveu, em primeiro lugar, ainda que de forma inconsciente, para lidar com uma situação traumática, com rupturas mal digeridas e com os sentimentos estranhos advindos do isolamento da pátria, da família e dos amigos.¹⁸

Lívia Rangel se detém no protagonismo de Lídia e Newton como mediadores culturais durante os doze anos de permanência em Buenos Aires e na potência criativa despertada — entre dores e descobertas — quando “se tornaram efetivamente escritores no exílio”¹⁹. Assim, atravessado o interregno mais desafiador, Lídia e Newton se projetaram no cenário jornalístico e editorial bonaerenses e conquistaram cargos ligados à representação oficial do Brasil na Argentina. Newton ocupou um cargo Serviço de Imprensa da Embaixada do Brasil e Lídia passou a trabalhar para o Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Buenos Aires vinculado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Não obstante a nova condição, o casal continuou sendo vigiado pela ditadura do Estado Novo e tinha a correspondência espionada.²⁰ Em 1940, eles ensaiam uma breve incursão pelo Brasil — Newton em junho, Lídia em novembro — e percebem um ambiente conflagrado. Em 1945, fazem nova viagem como o último alento político de Newton. Até 1947, Newton faz breves retornos por conta da articulação

17 Os relatos “Porão” e “Colônia” referentes à experiência carcerária permaneceram nas páginas do extinto jornal *O Dia* (SP). Os textos foram publicados entre junho e julho de 1937, um período, imediatamente, posterior à libertação de Newton Freire. Uma versão em espanhol foi publicada no jornal uruguaio *Justicia* em outubro de 1937 (“La Bodega: impresiones de la cárcel”).

18 RANGEL, *ibidem*, p. 143.

19 *Ibidem*, p. 166.

20 *Ibidem*, p. 202.

que resultou na criação do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Em 1950, partem da Argentina para novas terras estrangeiras até 1981, quando voltam, definitivamente, para o Brasil.

Desse intenso percurso do casal, podemos captar, na correspondência remanescente com Murilo Miranda, justamente, os primeiros momentos do exílio ainda recoberto de dúvidas, desencontros e dificuldades, quando Lídia e Newton organizam a antologia *Diez escritores de Brasil* (1939) e a recém-adquirida estabilidade laboral em Buenos Aires.

Ao comparar os deslocamentos dos correspondentes de Murilo Miranda, entreveem-se as semelhanças das trajetórias desviadas pela violência política que marcou aquele período. Obrigados a abandonarem a cidade do Rio de Janeiro, principal foco repressivo, Luís vê recair o silêncio sobre a sua literatura da Lapa e Lídia e Newton precisam abdicar do ativismo de esquerda. Contudo, a necessidade de ressignificar vidas e carreiras profissionais, nos novos destinos, revelou-se um processo potente e criativo. Desse modo, as cartas a Murilo são uma “terceira margem”, uma espécie entre-lugar para esses exilados, uma fresta entre a terra de partida e a terra de chegada, no árduo, mas estimulante exercício de transformação de si.

A “terceira margem”: literatura e crítica nas cartas a Murilo Miranda

No começo de minha permanência em São Paulo, eu procurava parecer-me, de certa forma, com o carioca da Lapa que fora anos antes. Tanto que, ainda em 1952, o poeta Domingos Carvalho da Silva observava: “Não sei por que Luís Martins não é um grande escritor. Sei que ele escreve bem, e muito. É cronista. Poeta. Crítico de arte. Ficcionalista. Talvez, no entanto, o prejudique uma virtude rara, a de amigo extravasante e conversador-mestre!” (A outra causa apontada por Domingos era minha incapacidade de fazer política literária...).²¹

Em *Noturno da Lapa* ecoam reverberações bandeirianas — para além do título da obra — quando Luís Martins retoma o “*temps jadis*”, refletindo sobre “A vida inteira que podia ter sido e não foi”. Embora seja grato à terra paulista, onde se firma como profissional da imprensa e constitui família, reside, nas memórias, certa melancolia resultante duma ruptura abrupta com a vida pregressa e que deixou, em suspenso, predições e virtuais oportunidades. O escritor, cujo romance de estreia granjeia boa recepção, sendo colocado ao lado de prosadores como Graciliano Ramos e Jorge Amado, de repente, vê a obra ser banida e o segundo romance, *A terra come tudo* (1937), “morre[r] de morte natural, quase no ovo, antes que se pudesse avaliar suas qualidades”.²²

21 MARTINS, op. cit., p. 275.

22 CASTRO, op. cit., p. 30.

Na correspondência com Murilo Miranda, percebe-se o intento em reatar os fios partidos da sua produção pela censura e a súbita mudança do Rio de Janeiro. Para Luís, Murilo é um interlocutor fiel e que ajuda a romper o silêncio do banimento literário que o missivista reclama, ironicamente, de ter sido lançado sobre si. A “política literária” e a sua incapacidade para fazê-la aparecem mais nuançadas, ora dotadas de humor, ora marcadas pela decepção, do que nas memórias. O contraponto entre as “praças” de publicação, isto é, as diferenças para publicar entre Rio e São Paulo estão entre as preocupações de quem precisa de alternativas para seguir produzindo. Pode ser feito, ademais, um histórico de colaborações do escritor para a *Revista Acadêmica* e a relevância que o periódico adquire nesta retomada.

Murilo publicou, com regularidade na *Revista Acadêmica*, os textos do escritor, sejam literários ou críticos, bem como abriu debates e divulgou comentários sobre as obras literárias de Luís. Assim, nos cinquenta e oito exemplares da *Revista Acadêmica* pertencentes à Coleção Plínio Doyle,²³ há textos de Luís em doze números, a partir de agosto de 1939 (n. 45) até o último número da revista, em dezembro de 1948 (n. 70). A revista reservou, também, anúncios e comentários sobre a obra de Luís Martins. Ela anuncia, entre as novidades literárias em janeiro de 1936 (n. 16), o romance *Prostituição*, que depois teria o título, por sugestão de Jorge Amado, modificado para *Lapa*. Existem cinco textos, compreendendo notas, comentários e cartas, contando com uma análise do romance *Lapa*, bem próximo ao seu lançamento (n. 23, 11/1936), e algumas apreciações relativas ao romance *Fazenda* (1941), entre fevereiro de 1939 (n. 42) até julho de 1947 (n. 68).

A troca epistolar entre Murilo e Luís, que foi preservada, inicia-se em 1940, quando Murilo decide prestar homenagem à Tarsila do Amaral e pede que Luís seja o “factótum” para viabilizar o número. No retorno da viagem de Murilo à capital paulista, ele comenta sobre uma possível segunda edição do romance *Lapa* que deveria ganhar o subtítulo “do Rio” já “que esta aqui de S. Paulo evidente não dava para um romance e é daqui que a gente sente melhor a outra. Não é bairrismo.”²⁴ A percepção de que Luís estava adaptado ao novo ambiente é indicada de forma provocativa: “Ou se é, está plenamente justificado porque a Lapa do Rio justifica tudo, inclusive o romance de nosso caro amigo que, pelo jeito, está aderindo a S. Paulo.”²⁵

Luís, em 28 de agosto de 1940, responde ao pedido de Murilo e lamenta o desencontro de ambos em São Paulo, informando levar uma vida de menor agitação na fazenda: “Lá é ótimo, há paisagem, há conforto, há material a colher e, principalmente, os burros não são bípedes... Inaugurei um campo de futebol e estreei na posição de *goal-keeper* engolindo vagarosamente a primeira bola que foi para o

23 Não fazem parte da coleção os seguintes números: n. 21 (08/1936); n. 22 (09/1936); n. 24 (12/1936); n. 25 (01/1937); n. 26 (03/1937); n. 30 (09/1937); n. 31 (10/1937); n. 33 (01/1938); n. 34 (04/1938); n. 43 (04/1939); n. 59 (01/1942) e n. 60 (05/1942).

24 MIRANDA, Murilo. [Correspondência Fundo Luís Martins, FCRB]. Destinatário: Luís Martins. Rio de Janeiro, s.d. 1 carta datilografada.

25 Ibidem.

arco...”²⁶. A partir daí a correspondência versa sobre a preparação do número da *Revista Acadêmica* em homenagem à Tarsila que sai com data de setembro de 1940, apesar de existirem cartas falando da preparação na gráfica em outubro do mesmo ano. Desde o pedido de colaborações, a concepção do número, a estratégia editorial para que o número ganhe interesse do público são os assuntos das cartas de Murilo que pede: “um retrato bem de artista de cinema, para o público pensar que se trata de alguma nova estrela e comprar a *Revista* como se fosse um órgão de Hollywood, como se fosse um órgão de Hollywood!”²⁷



Fig. 1. *Revista Acadêmica*, n. 51, setembro/1940.

Murilo dá conta dos contratempos que atrasavam a impressão, desde os problemas com a tipografia, mas também as restrições decorrentes da Segunda Grande Guerra Mundial que havia eclodido no ano anterior: “Se os tempos fossem outros poderia fazer uma coisa melhor, quanto à parte gráfica. Mas a guerra fez do [anúncio] quase uma miragem. O asfalto está duro, irmão!”²⁸. Nas cartas de Luís, são relatadas as viagens de amigos comuns, como Rubem Braga para São Paulo e os préstimos de envio de material, as suas limitações em solicitar textos sobre Tarsila em São Paulo e o anúncio uma nova fase da pintura de Tarsila que tem como principal obra o *Casamento caipira*, cuja reprodução está na revista em homena-

26 MARTINS, Luís. [Correspondência Fundo Luís Martins, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. São Paulo, 28 ago. 1940. 1 carta datilografada.

27 MIRANDA, Murilo. [Correspondência Fundo Luís Martins, FCRB]. Destinatários: Luís Martins e Tarsila do Amaral. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, s.d. 1 carta datilografada.

28 MIRANDA, Murilo. [Correspondência Fundo Luís Martins, FCRB]. Destinatário: Luís Martins. Rio de Janeiro, 01 out. 1940. 1 carta manuscrita.

gem à pintora junto com um poema de Murilo. Neste número, é publicado o poema “*Ballade des dames du temps jadis*” de Luís, num tom elegíaco sobre sua extinta vida boêmia pela Lapa:

*Vocês se lembram? Escapei da força
E andava tristonho nas ruas da Lapa.
As madrugadas todas amargas
Deixavam nos olhos um tom de ressaca
E nós vivíamos nas madrugadas
Talvez procurando as neiges d'antan. [...]²⁹*

Murilo tece elogios ao texto e informa o projeto gráfico para “O seu poema, em belo negrito, corpo 10, encima uma página externa, como se fôra u’a *manchette*, como se fôra *manchette*! Gostei dele, como costume gostar do poeta que você é”.³⁰ Sobre a publicação dos textos, é recorrente, na correspondência, o zelo de Luís com as revisões dos textos enviados — uma das cartas com indicações erratas é divulgada na revista (n. 57) a modo de desculpas — e a disposição de Murilo em seguir as indicações e um tratamento especial no projeto gráfico da revista.

Reafirmam-se, em 1941, os laços de amizade entre os escritores e entra no foco da correspondência a publicação do novo romance de Luís, *Fazenda*, o número em homenagem a Carlos Drummond de Andrade, a representação informal da *Revista Acadêmica* junto a Editora Martins – o “José Olympio daqui” — e se faz presente a atuação de Tarsila como crítica.

Nas cartas a Murilo, o romancista evidencia os efeitos que a repressão fez incidir sobre suas obras, lançando uma sombra sobre sua divulgação, conforme já havia indicado em cartas anteriores, na qual fala de um “boicote” crítico. Apesar de Luís estar refazendo a carreira em São Paulo, há uma dificuldade em obter espaço, por lá, para lançar o novo romance. Em carta de 2 de abril de 1941, o missivista agradece a Murilo sua disposição em promover o livro: “creio que o *Fazenda* tem sido muito menos criticado que o *Lapa* e mesmo do que *A terra come tudo*. Tem havido uma espécie de onda de silêncio contra ele, que só agora a sua generosa atitude vai desfazer”.³¹

De fato, na *Revista Acadêmica*, o romance é tratado em quatro números. Um pouco antes, em fevereiro de 1939 (n. 41), é noticiada a elaboração do romance sobre a “decadência do café”. Em atendimento à carta de abril de 1941, o número 54 da *Revista Acadêmica* traz crítica de Ribeiro Couto sobre o *Fazenda*, junto com retrato de Luís Martins pintado por Tarsila do Amaral. Em junho de 1941, a revista (n. 55) reúne diversos comentários e análises sobre o livro na página de abertura

29 MARTINS, Luís. “Ballade des dames du temps jadis”. In: CASTRO, Moacir Werneck de, MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 51, setembro/1940.

30 MIRANDA, Murilo. [Correspondência Fundo Luís Martins, FCRB]. Destinatário: Luís Martins. Rio de Janeiro, s.d. 1 carta datilografada.

31 MARTINS, Luís. [Correspondência Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. São Paulo, 02 abril 1941. 1 carta datilografada.

com notas de jornalistas e editores, alguns dos quais indicados na carta de Luís, como Carlos Lacerda, Henrique Pongetti, Edgard Cavalheiro, entre outros.

No âmbito das discussões literárias da revista, um dos tópicos mais aprofundados é sobre o “romance social” e a obra de Luís Martins integra o debate sobre o gênero. Nesse sentido, a *Revista Acadêmica* aproxima-se da característica da nova crítica literária em 1930 conforme indica Luiz Lafetá³², quando se procura deixar os estudos biográficos em prol de uma *crítica estética* que põe em questão “a rotinização e o desenvolvimento do ideário modernista, sua diluição e as relações que isso mantém com os problemas políticos e sociais do momento.”

Assim, realiza-se uma enquete sobre os melhores romances brasileiros, são publicados artigos sobre o gênero no Brasil, suas características formais e temáticas e *Fazenda* é classificado como romance social, um “retrato” do interior paulista. Alguns anos após a primeira edição do romance, a polêmica de Carlos Lacerda sobre o gênero faz com que o romance de Luís Martins retorne à revista. Em carta de 06 de julho de 1946, Luís Martins responde ao texto de Carlos Lacerda, “Destinação social do romance brasileiro” em abril e novembro de 1945 (n. 65 e 66), no qual afirma que, dentro da voga regionalista, não haveria um grande romance sobre a cultura do café. Luís retoma as palavras de Lacerda, quando do lançamento de *Fazenda*, e aponta a inconsistência da análise. Em julho de 1947 (n. 68), são reproduzidas, integralmente, a carta de Luís Martins sobre o texto de Lacerda e a primeira impressão registrada pelo polemista, em particular.

Conforme visto, Luís não se omite e, pelas cartas a Murilo, há um diálogo constante sobre a recepção da sua obra. Por outro lado, o escritor se firma na atividade de crítico e vemos um incremento das suas contribuições sobre literatura e artes plásticas. Elas vão sobrepular, em quantidade, os textos literários enviados para a revista. Os artigos, notas e ensaios de Luís Martins tratam desde as personagens femininas de Machado de Assis até a poesia de Jorge de Lima. As cartas dão a conhecer o envio de textos para os números comemorativos de Lasar Segall e Bruno Giorgi, mostrando, assim, o seu processo em se consolidar como crítico de artes plásticas.

Em carta de 11 de junho de 1943, Luís se coloca ao lado de Murilo na reação contra a campanha difamatória que Lasar Segall sofreu de um grupo de extrema-direita, que tinha entre os seus integrantes o mesmo escritor que denunciaria o romance *Lapa*, Carlos Maul. A exposição dedicada ao pintor, no Museu Nacional de Belas Artes, foi hostilizada e a *Revista Acadêmica*, por seu turno, faz uma contraposição ao reacionarismo produzindo estudos sobre a arte moderna e demonstrando as qualidades de pintores como Lasar Segall e Cândido Portinari, outro artista alvo de ofensivas semelhantes. Em São Paulo, Luís publicaria uma crônica sobre Lasar Segall e enviaria nova colaboração para a *Revista Acadêmica*.

A correspondência se encerra cinco anos após o fim da *Revista Acadêmica*. Luís se encontrava, plenamente, estabelecido em São Paulo e relata uma intensa atividade jornalística e editorial, assim, o escritor se vê como um “‘jongleur’ que atira

32 LAFETÁ, op. cit., p. 38.

para o ar três ou quatro bolas ao mesmo tempo [...] além das 3 crônicas, acabei uma antologia encomendada pelo Martins, fiz uma conferência sobre poesia na Biblioteca e uma outra sobre pintura em Itu; julguei o prêmio Fábio Prado (ensaio)".³³

De forma emblemática, a amizade entre Murilo e seus missivistas possui coincidências que mostram o contexto e afinidades que os uniam. Assim, no mesmo número da *Revista Acadêmica* que anuncia a estreia literária de Luís Martins está, lado a lado, a nota sobre o livro *O genial Rebouças* de Newton Freitas. Ainda que haja uma menor frequência de colaborações de/sobre Newton para a revista, salienta-se a atitude de resistência à censura ao Estado Novo por parte da redação da revista. Assim, o escritor recém-saído do cárcere analisa o romance *Angústia* de Graciliano Ramos (n. 27, 05/1937), que voltava da mesma experiência como prisioneiro político. É divulgada, também, uma nota sobre "O Porão", cuja publicação era feita pelo jornal *O Dia*, e o projeto de que ele seja apresentado como livro (n. 29, agosto/1937).

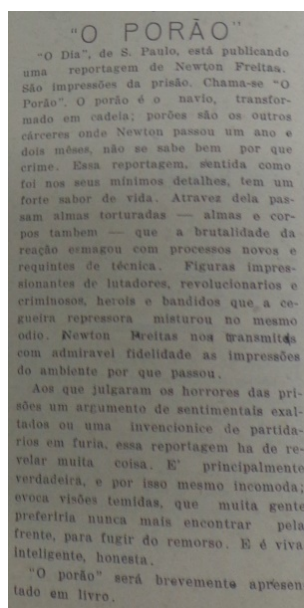


Fig. 2. O Porão. *Revista Acadêmica*, n. 29, agosto/1937, [p. 8].

Passando para a correspondência entre Lídia Besouchet, Newton Freitas e Murilo Miranda, as poucas cartas subsistentes testemunham fases importantes do exílio do casal de jornalistas. Recuperam-se os primeiros anos de Lídia e Newton em Buenos Aires e o trabalho para se inserir no mercado editorial bonaerense. A condição de mediadores culturais, produzindo estudos sobre o Brasil e traduções de literatura brasileira, possui uma função vital conforme nota Lívia Rangel, já que

No esforço para existir no exílio, contra o apagamento de suas identidades, e ao mesmo tempo estimulados pela diversidade e pelo contraste da paisagem, das pessoas e das ideias, Newton e

33 MARTINS, Luís. [Correspondência Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. São Paulo, 11 maio 1953. 1 carta datilografada.

*Lídia se apegaram aos temas que remetiam ao país de origem, à nação, às “raízes” de um lugar de pertencimento, um pertencimento interrompido, suspenso, irrecuperável em seu aspecto primordial, mas possível do ponto de vista da criação e da reflexão.*³⁴

Nesse sentido, as cartas funcionam como uma ponte para o Brasil, com a expressão da saudade e a reafirmação de laços fraternos e identitários. As cartas de Newton são datadas parcialmente, a primeira é de janeiro de 1940 e a segunda, pelos dados internos, se situa entre 1945 e 1946. Assim como acontece com Luís, Murilo ajuda a reduzir a sensação de isolamento experimentada pelos missivistas: “Finalmente o Brasil me escreve. Alguém do Brasil. Graciliano, Rubem mesmo, Angione Costa, ninguém me responde uma carta.”³⁵ A carta põe em cena os estranhamentos e as incompreensões que a falta de respostas e a distância ajudam a intensificar.

Contudo, o receio de um desaparecimento se contrapõe à disponibilidade para o envio e recebimento de trabalhos como retribuição à ajuda de Murilo em encaminhar as obras do escritor para que sejam avaliadas e divulgadas no Brasil: “Obrigado pela sua gentileza. Mande-me material e suas ordens. Estou disposto a trabalhar grátis para v. Pode também publicar — transcrever — os artigos que achar convenientes”.³⁶

A carta indica o interesse que a obra de Jorge de Lima despertava na Argentina, o poema “Essa nega Fulô” é selecionado para compor uma antologia de poetas sul-americanos para uma publicação italiana. Newton se propõe a escrever sobre o poeta alagoano e pede outras obras para que possa traduzir e divulgar no país platino. Ele comenta a recepção positiva do livro *Diez escritores de Brasil*, organizado em parceria com Lídia Besouchet, e a intenção de produzir uma segunda edição.

Reaparece o tema do silêncio que a censura impôs aos que foram, forçosamente, obrigados a abandonar seu lugar de origem: “Felizmente a crítica argentina, chilena, paraguaia está nos tratando bem. Do Brasil nada espero. A ditadura literária reina. Sinto-lhe os efeitos daqui: Que importa! [...] Estou tão longe...”³⁷ Na carta, Newton se disponibiliza a distribuir a *Revista Acadêmica* e Murilo abre espaço no periódico (n. 48), anunciando a antologia *Diez escritores de Brasil* em fevereiro de 1940. Naquele mesmo ano, aparece o conto “A Baía de meus avós” de Newton Freitas, na *Revista Acadêmica* (n. 50) em julho de 1940, fruto da perspectiva nostálgica e da interlocução com Murilo.

A carta de Lídia Besouchet é datada de 25 de abril de 1940 e traz o timbre do “Escritório Comercial do Brasil”. Há outra disposição, pois o casal encontrava-se na

34 RANGEL, op. cit., p. 182.

35 FREITAS, Newton. [Correspondência Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. s.l., 12 jan. 1 carta manuscrita.

36 Ibidem.

37 Ibidem.

iminência de viajar para o Brasil, Newton já estava de partida para a primeira oportunidade de rever o país e os amigos. Lídia agradece a nota publicada na *Revista Acadêmica* sobre a antologia de escritores brasileiros e a intermediação de Murilo para enviar as obras dela e Newton para Mário de Andrade.

A escritora descreve o cenário literário de Buenos Aires, criticando a prevalência de um passadismo artístico e duma poesia nos moldes simbolistas europeus. Os “parnasianos da terra” predominam e, para a autora, há poucas publicações de literatura moderna. Desse modo, a publicação da literatura brasileira moderna, ainda que incipiente, é vista como uma forma de atualizar o público argentino sobre “as cousas boas de Brasil”: “Já a gente se arrebenta quando me falam de Lobato e *Jubiabá*. Parece que dos vivos, nada mais entrou nesta Argentina.”³⁸. Por outro lado, a figura do jovem tradutor Raúl de Navarro, um dos mais produtivos tradutores de literatura brasileira na Argentina, aparece com destaque e com uma produção que se diferencia no cenário europeizado.

Naquele momento, a autora estava preparando o livro sobre o Barão de Mauá, *Desarrollo industrial del Brasil* e se coloca como eventual representante da *Revista Acadêmica*. Ela produz uma reportagem, para a imprensa argentina, sobre a obra de Cândido Portinari, que havia sido homenageado na publicação de Murilo (n. 48, 02/1940).

Por fim, encontramos o mesmo tipo de iniciativa na segunda carta de Newton, quando ele tenta articular uma exposição para o pintor Lasar Segall na Argentina: “Faça todo o possível para ele vir pois o homem tem aqui um ambiente bastante favorável. Mallea, Romero Brest, Payró, Seoane, Martinez Estrada, e todos com quem já conversei se mostram encantados com a ideia.”³⁹. A carta se detém na repercussão positiva da obra de Segall, os salões e museus que receberiam a exposição do artista em Buenos Aires e comprova a participação ativa de Newton como um embaixador da arte brasileira em terras bonaerenses.

Considerações Finais

No entanto, vamos nos juntar todos no número da *Acadêmica*, juntos para toda vida!⁴⁰

Sérgio Miceli (1979), ao tratar da vida intelectual dos anos 1930 e 1940, elege as memórias como uma das fontes fundamentais para estudar as condições de trabalho e a relação dos escritores brasileiros com o poder do Estado. O investimento no gênero memorialista, seja para os autores consagrados, os “herdeiros”, seja

38 BESOUCHET, Lídia. [Correspondência Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. Buenos Aires, 25 abril 1940. 1 carta datilografada.

39 FREITAS, Newton. [Correspondência Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. s.l., s.d. 1 carta manuscrita.

40 MIRANDA, Murilo. [Correspondência Fundo Luís Martins, FCRB]. Destinatários: Luís Martins e Tarsila do Amaral. Rio de Janeiro, s.d. 1 carta datilografada.

para os ressentidos “primos pobres”, se mostrou um rico material para abordar a expansão do mercado editorial brasileiro e a instabilidade e complexidade com as instâncias de poder.

Nesse sentido, conhecer a correspondência desses intelectuais nos permite fazer um instantâneo dessas relações, sem o filtro e a relativização das “coisas peremp-tas”. Ademais, o retrato ganha novas tonalidades, pois revivem sensações e percepções que seriam embotadas num relato mais tardio. Assim, a leitura da correspondência de Murilo Miranda, editor da *Revista Acadêmica*, abre uma janela para esse passado quando a censura e a repressão traziam consequências irreversíveis para os acusados de atividades subversivas. Murilo é o interlocutor que se dispõe a reunir aqueles que foram dispersos e, de algum modo, silenciados no auge da ditadura daquele período.

O *corpus* do trabalho priorizou a troca epistolar do editor da *Revista Acadêmica* com Luís Martins, Lídia Besouchet e Newton Freitas que sofreram com a perseguição política durante a década de 1930. Unem os três missivistas os trânsitos que precisam realizar para escapar do cerceamento editorial e o trabalho para recriarem novas condições profissionais, redirecionando vidas e carreiras. As cartas contam essas tentativas de reatar os laços com o local de origem, as preocupações em transpor o ostracismo literário e continuarem atuantes nos debates culturais. Como uma “terceira margem”, elas fazem a travessia entre dois extremos de difícil conciliação, a vida passada e a vida a ser construída num novo destino.

Entretanto, as marcas dessas experiências exílicas e de obliteração crítica se fazem sentir na escassez de novas edições das obras desses autores, à exceção das memórias e do romance *Lapa* de Luís Martins, embora os três escritores tenham sido importantes protagonistas e mediadores culturais naquele momento. Portanto, evidencia-se o papel fundamental de Murilo Miranda que, com a *Revista Acadêmica*, “juntou” essas trajetórias e lhes deu vez e voz “para toda vida”.

Agradecimentos

Aos funcionários do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) pelo auxílio gentil e atencioso para esta pesquisa resultante do estágio de Pós-Doutorado realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa (2022-2023). À Prof.^a Dr.^a Mayra Moreyra Carvalho pela rica interlocução a respeito da vida e obra do casal Newton Freitas e Lídia Besouchet.

Referências Bibliográficas

ACERVO MURILO MIRANDA. Sigla: MMi. Procedência: doado por Yedda Braga Miranda. Instrumento de pesquisa: não possui. Estágio de tratamento: não organizado. Dimensão: 2,18 m. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

BESOUCHET, Lúdia. [Correspondência Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. Buenos Aires, 25 abril 1940. 1 carta datilografada.

CAIRES, Daniel Rincon. A estética nacionalista de Carlos Maul. In: **Encontro Estadual da ANPUH/SP**, n. 25, História e Democracia, precisamos falar sobre isso, 2018, Guarulhos-SP. Anais. Guarulhos: UNIFESP, 2018, pp. 1-17. Disponível em:

<https://www.encontro2018.sp.anpuh.org/resources/anais/8/1530363519_ARQUIVO_AesteticanacionalistadeCarlosMaul-r.pdf>.

CANDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a cultura. In: _____. **A educação pela noite**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 219-240.

CASTRO, Moacir Werneck de, MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 51, setembro/1940.

FREITAS, Newton. [Correspondência Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. s.l., 12 jan. 1 carta manuscrita.

FREITAS, Newton. [Correspondência Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. s.l., s.d. 1 carta manuscrita.

MARTINS, Luís. [Correspondência Fundo Luís Martins, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. São Paulo, 28 ago. 1940. 1 carta datilografada.

MARTINS, Luís. [Correspondência Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. São Paulo, 02 abril 1941. 1 carta datilografada.

MARTINS, Luís. [Correspondência Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. São Paulo, 11 maio 1953. 1 carta datilografada.

LAFETÁ, Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

MARTINS, Luís. **Lapa**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MARTINS, Luís. **Noturno da Lapa**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1979.

MIRANDA, Murilo. [Correspondência Fundo Luís Martins, FCRB]. Destinatário: Luís Martins. Rio de Janeiro, s.d. 1 carta datilografada.

MIRANDA, Murilo. [Correspondência Fundo Luís Martins, FCRB]. Destinatários: Luís Martins e Tarsila do Amaral. Rio de Janeiro, s.d. 1 carta datilografada.

MIRANDA, Murilo. [Correspondência Fundo Luís Martins, FCRB]. Destinatário: Luís Martins. Rio de Janeiro, 01 out. 1940. 1 carta manuscrita.

O PORÃO. In: CASTRO, Moacir Werneck de, MIRANDA, Murilo (Org.). *Revista Acadêmica*, n. 29, agosto/1937, [p. 8].

RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira. **Lídia Besouchet e Newton Freitas: mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio da Prata (1938-1950)**. 2016. 282 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-21122016123136/publico/2016_Livia_DeAzavedoSilveiraRangel_VCorr.pdf>.